

Cristianismo e Mediunidade

Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna. (Mt 5,37)

Não há necessidade de consultar um psicólogo para saber que quando você denigre o outro é porque você mesmo não consegue crescer e precisa que o outro seja rebaixado para você se sentir alguém. (Papa Francisco)

Em <http://www.cacp.org.br/cristianismo-e-mediunidade/> vi publicada uma matéria sob o título acima, em relação à qual faço alguns comentários a respeito dos tópicos lá abordados.

Inicialmente, gostaria de saber dos responsáveis pelo site o porquê de os artigos referenciados como compilados não indicarem o nome do respectivo autor, já que não existe compilação sem o respectivo compilador; será que é para não comprometer o compilador, na eventualidade de alguém contestar, e ele não ter como justificar o ponto de vista com o qual concordou, para elaborar sua compilação?

Além disso, a publicação da presente matéria demonstra uma falta de ética, pois, embora seja informado pelo site que seja um artigo compilado, na realidade não se trata de uma compilação (que seria enfeixar em um único artigo, textos do mesmo ou de diversos autores), mas, sim, de uma transcrição, "ipsis litteris", de um texto de um só autor, já que o "compilador" se limitou a aplicar as famosas teclas "Ctrl+c" e "Ctrl+v" para transcrever o texto constante do site do pastor Airton Evangelista da Costa, link <http://www.palavradaverdade.com/print2.php?codigo=3310>, desde o título até o fim, sem ter tido a dignidade de sequer indicar que se trata de uma transcrição de texto, citando o nome do seu verdadeiro autor, apesar de indicar o site de onde ele foi extraído - www.palavradaverdade.com.

Feitas essas observações, gostaria que o responsável por essa "pirataria" intelectual, nos respondesse como se tal matéria fosse de sua lavra, já que, se a publicou é porque concordou com o que foi dito pelo verdadeiro autor, não deixando a "batata quente" na mão de quem só a plantou (autor), pois, no caso, quem tem que responder pelo produto ("compilação") é quem fez mau uso dele (batata), vendendo-o ao público como sendo de sua produção (autoria), já que deu a entender que são trechos tirados de outros, ainda que da mesma origem, como determinadas batatas (textos) que são vendidas na feira, pelo mesmo feirante (CACP), embora provindas da mesma região (<http://www.palavradaverdade.com/>), mas de produtores (autores) diferentes; que não foi o caso, diga-se de passagem.

Mas vamos ao que interessa.

Antes, explico que os tópicos do texto "compilado" ("Ctrl+c" e "Ctrl+v") estão sombreados, enquanto os meus comentários não.

Vamos ao assunto. Diz o "compilador":

A MEDIUNIDADE não é doutrina cristã. O Senhor Jesus nunca ensinou que determinadas pessoas podem ser intermediárias entre os vivos e os mortos. A Bíblia Sagrada não dá respaldo à tese de que o homem possa "receber" espíritos humanos superiores ou inferiores para possibilitar comunicação com os vivos.

Não; realmente, a mediunidade não é uma doutrina, muito menos, cristã; ela é uma aptidão humana e, por isso, muito mais antiga do que qualquer religião; conseqüentemente mais do que o cristianismo, pois, na Bíblia (AT), os fenômenos mediúnicos são o cerne do seu conteúdo; isso porque Deus mandou Seus enviados espirituais para transmitir Suas mensagens ao povo hebreu, através dos profetas; veja, senhor "compilador", que a Bíblia é o repositório das comunicações de um espírito (ou conjunto de espíritos) que, pela ignorância do povo da época, passou a ser confundido com o próprio Deus; daí, Moisés, que foi educado no misticismo do povo egípcio, ter-se aproveitado da ignorância do seu povo para exercer o seu comando, utilizando-se de seus extraordinários dons (faculdades mediúnicas), a ponto de os resultados deles serem considerados como milagres, até hoje.

Assim, considerando que o cristianismo absorveu do Judaísmo todos os seus preceitos religiosos, a mediunidade também foi absorvida pelo cristianismo; tanto que, até hoje, para se afirmar que Jesus é o Messias, são apresentados argumentos baseados em profecias proferidas por Isaías, e outros mais, embora em nenhuma delas figure o nome de Jesus como sendo o Messias que viria. Mas, o mais interessante é que afirmam que Jesus é o Messias, embora o nome Jesus não seja o previsto nas profecias (Emanuel); no entanto, com relação ao anunciador do Messias, prometido em Is 40,3; Ml 3,1 e 4,5, negam que João seja Elias, apesar de Jesus, o Messias, ter afirmado que João é Elias em 11,10-15 e confirmado em 17,9-13, ambos de Mateus.

Para confirmação do que digo, basta a leitura de 1Co 12; 13 e 14, capítulos esses que mostram que a palavra de Deus relaciona quais são os dons espirituais, dando, no 14, maior ênfase ao dom da profecia, a ponto de incentivar **que aspiremos ao dom da profecia**, e instruindo para **não ser proibido** o dom de falar em línguas, apenas recomendando que **os façamos** decentemente e em ordem (1Co 14,39-40). Ressalte-se que, por haver a manifestação (comunicação) dos espíritos (e não "do" Espírito Santo – da Trindade – como querem fazer crer os teólogos dogmáticos), é que Paulo fala em dom de discernimento **dos espíritos**, justamente nos alertando para que tomemos cuidado para não sermos enganados por algum espírito menos sério.

Quanto à Bíblia não dar respaldo ao homem de "receber" espíritos humanos, esclareça-se que realmente ele não "recebe" espíritos; ele recebe e transmite mensagens deles, seja oralmente, seja por escrito, através dos fenômenos chamados, respectivamente, de psicofonia e psicografia, que nada mais são do que maneiras pelas quais os profetas transmitiram, e transmitem nos dias atuais, mensagens recebidas de Deus, e de Seus enviados, através do plano espiritual.

Jesus foi médium?

O Senhor Jesus não foi dirigido nem instruído por guias espirituais. Nunca precisou entrar em transe para falar as verdades que falou. Também nada deixou psicografado. Suas palavras, ao fluírem de uma mente sã, não entorpecida, revelavam extrema sabedoria e coerência.

Ao olho do leigo em Espiritismo, realmente, Jesus não foi médium, no sentido estrito da palavra; mas, de certa forma, o foi, pois Ele serviu de intermediário direto das mensagens do Criador às Suas criaturas, aqui no plano físico; daí, Jesus ter vindo em carne e osso, igualmente a nós, que aqui estamos, para nos transmitir, pessoalmente, os Seus ensinamentos, a fim de não ser alegado que esses ensinamentos vieram de falsos profetas. É só constatar o que Jesus diz em Lucas 4,43-44 "43 Ele, porém, lhes disse: Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado. 44 E pregava nas sinagogas da Galiléia." Como se vê, querendo-se, ou não, Jesus foi médium, ou melhor, o intermediário direto entre Deus e os homens, já que nos trouxe os ensinamentos diretamente da fonte primária da verdade.

A Transfiguração foi uma sessão espírita?

Não. Jesus apareceu em glória: "Transfigurou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa ficou branca e mui resplandecente" (Lc 9.29). Nessa condição, com corpo glorioso, diferente do seu corpo carnal, Ele conversou com Moisés e Elias (Mt 17.2). Estes não conversaram com os apóstolos Pedro, João e Tiago: "Eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com Ele" (v.3). Os três discípulos viram a glória celestial de Jesus, ou seja: Deus em corpo humano. Não houve invocação dos "espíritos", nem experiências mediúnicas. Transfigurado, Jesus falou com Moisés e Elias como se estivessem no céu.

Dizer que a ocorrência do fato denominado de Transfiguração não foi uma sessão espírita, até se pode aceitar que não foi se comparada com o que os leigos em Espiritismo supõem, e tentam dar a entender, sem descrever, o que seja uma "sessão espírita". Esclareça-se que aquilo que se chama vulgarmente de "sessão espírita" (justamente por não existir uma fórmula ritual a ser seguida, mas, apenas, por necessitar de condições mínimas à ocorrência de comunicação entre o plano espiritual e o físico), pode ocorrer a qualquer instante e em qualquer lugar, bastando haver as condições mínimas necessárias à sua ocorrência; e o lugar onde ocorreu a transfiguração tinha todas as condições necessárias para a ocorrência desse fenômeno, como isolamento, e pessoas com aptidão para dar suporte a sua realização. E como houve a manifestação de dois espíritos desencarnados – Moisés e Elias – evidencia-se a "sessão espírita", a contragosto dos detratores.

Para maiores detalhes sobre as condições de realização de uma reunião de comunicação com o plano espiritual, sugiro ao senhor "compilador" e aos interessados em analisar o assunto que leiam os capítulos XXV ao XXIX, com ênfase para o XXIX, de *O Livro dos Médiuns*.

Jesus conversou com "espíritos" humanos?

Não. Os seres espirituais são: Deus (Pai, Filho e Espírito Santo), os anjos, os espíritos humanos, Satanás e os demônios (anjos decaídos). A Bíblia Sagrada registra conversa de Jesus com Satanás e com os demônios. A conversa mais longa está no capítulo quatro do Evangelho de Mateus, quando Jesus foi tentado. Ao final, Jesus sentencia: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás" (v.10). Seria Satanás [adversário] um espírito humano necessitado de ajuda para prosseguir rumo à perfeição? Não. Se fosse, Jesus o trataria de forma amistosa e o aconselharia a compreender sua situação de rebeldia: "Tenha calma, espírito desobediente. Chegará o dia em que alcançarás o clímax e serás tão perfeito quanto eu sou. Largue essa idéia de querer que eu o adore". Se os demônios expulsos por Jesus fossem espíritos humanos, Ele não teria dito: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Ao dizer "o diabo", Jesus definiu e individualizou esse espírito como diferente dos que estava mandando para o inferno.

Como Jesus não conversou com espíritos humanos?! Será que Moisés e Elias, quando falaram com Jesus, no momento da transfiguração não estavam na condição de espíritos humanos? Ou porque, na tradução feita por João Ferreira de Almeida, foi empregado o verbo FALAR, o senhor "compilador" vem com essa de que Jesus não "conversou" com espíritos?... Se assim for, de duas uma: ou falar não é sinônimo de conversar, ou o que sobrevive ao corpo, não é espírito...

Mas, aí, surge uma dúvida: se essa "coisa" que sobrevive ao corpo não é espírito, então Jesus não falou com ninguém; ou, o que é pior, Jesus desrespeitou uma ordem do Pai Celestial (Deus) ao falar com espíritos, atividade essa proibida pela Bíblia; mais ainda: não devemos nos esquecer de que, sob outro ângulo de visão, dois pobres mortais – Moisés e Elias, desobedeceram a proibição de se comunicar com os vivos, sem terem sido chamados por Jesus, ou sem ter sido permitida tal comunicação, pois eles apareceram aos três apóstolos e, ao mesmo tempo, conversaram com Jesus, tendo Pedro, inclusive, sugerido a construção de três tabernáculos (um para cada - Jesus, Moisés e Elias).

Antes que alguém venha com o argumento de que Jesus, por ser Deus, poderia comunicar-se com espíritos, desobedecendo a uma ordem divina, mostro que esse ato demonstra a submissão

de Jesus à Lei dos Judeus (AT), pois Ele, explicitamente, só se comunicou com espíritos após a morte de João; por que alerta para esse fato? Simplesmente porque a Lei e os profetas vigeram até João, o batista. (Mt 11,13 e Lc 16,16) Tanto é correto esse entendimento, que em 1João 4,2-3, a palavra de Deus apresenta a maneira de como identificar se um espírito é ou não de Deus. Ora, se nos é ensinada a maneira de identificar se um espírito é ou não de Deus, é porque Deus sentiu que o homem já havia atingido estágio evolutivo para se comunicar com o plano espiritual, liberando esse tipo de comunicação.

Jesus não ressuscitou a Lázaro?

Ressuscitou. Lázaro, que estava morto, voltou a viver. "Então, Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto" (Jo 11.14). Desculpem-me pelo óbvio, mas morto quer dizer morto mesmo, sem vida; quer dizer que o espírito já se separou do corpo. E depois: "Lázaro, vem para fora. E o defunto saiu..." (vv. 43, 44). Aquele que estava morto voltou a viver. Lázaro não sofrera um ataque de catalepsia, estado em que o enfermo fica imóvel, sem atividade motora, mas não morto. Somente Deus pode dar vida a um corpo morto. Jesus fez isso porque tudo quanto o Pai faz o Filho faz igualmente. Jesus não precisou de dons mediúnicos. A mesma coisa aconteceu com o filho da viúva de Naim.

Mas, quem disse que Jesus não ressuscitou a Lázaro?! Ele ressuscitou, sim; só que o conceito de ressuscitar, para os que não aceitam a reencarnação, é um e para os que a aceitam é outro; explicando: primeiramente devemos partir para o conceito, significado, ou acepção das palavras; assim, vejamos qual o significado de *suscitar*, que é a palavra primitiva: *fazer nascer ou aparecer; criar*; já a palavra *ressuscitar*, derivada de *suscitar*, em decorrência do prefixo "re-" tem o significado de *fazer nascer de novo ou aparecer de novo*, ou seja, de aparecer **novamente (outra vez)** no mesmo corpo do qual, no caso, o espírito Lázaro havia se afastado.

Analisando-se sob esse prisma, verifica-se que o ressuscitar de Lázaro (espírito) jamais poderia ter o significado de **renascido**, mas, sim, **reaparecido**, que foi, de fato, o que com ele aconteceu; isso porque o nascer implica em haver uma fecundação e uma gestação antes do ato de nascer, resultando em um novo corpo; assim, só resta entender que, no caso de Lázaro, e outros semelhantes, de retorno do espírito ao mesmo corpo, o que aconteceu foi o retorno do espírito no mesmo corpo; mas isso, para a época, era complicado para o entendimento do povo; daí, a noção de que ressuscitar também era de nascer de novo, e não só de reaparecer no mesmo corpo.

E essa confusão reinava até entre os que, na época, eram considerados os doutores da Lei; veja-se no capítulo 3 de João o diálogo de Jesus com Nicodemos, considerado como Doutor da Lei, em que Jesus, sobre o nascer de novo, chega a dizer, no verso 10: "Tu és mestre de Israel e não sabes isso?" E essa minha afirmação (de que o povo também entendia o nascer de novo como ressuscitar) está baseada no diálogo de Jesus com os seus discípulos, narrado em Mateus 16,13-16, em que Jesus pergunta a eles sobre quem o povo achava ser o Filho do Homem e que eles disseram "Uns, João Batista; outros, Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas." Como se vê, o povo tinha a noção plena de que um antepassado poderia assumir um novo corpo; senão, Jesus não teria feito essa pergunta aos seus discípulos e nem eles teriam respondido da maneira que responderam, aventando a hipótese de Jesus ser um dos antigos profetas. Isso porque o povo sabia que todos temos que morrer. Além disso, convém destacar que no mesmo capítulo 11 de João, utilizado pelo autor para justificar que Lázaro estava morto, Jesus diz, respectivamente, nos versos 4 e 11: "Esta **enfermidade** não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela." e "Assim falou e, depois, disse-lhes: Lázaro, o nosso amigo, **dorme**, mas vou **despertá-lo do sono**." (grifei)

Face a esses dois versos do capítulo 11, vê-se que no 4, em que Jesus afirmou que a **enfermidade** de Lázaro não era mortal e no 11 Ele disse que Lázaro **dormia**, contrariando o verso citado pelo autor; nesse caso, é de se perguntar: afinal, Lázaro estava morto, a sua doença não era

grave ou ele apenas dormia? Para nós os versículos de 12 a 16 têm tudo para serem interpolação visando justificar a ressurreição física, que, cientificamente, é inconcebível, sem falar que Jesus, em Jo 6,63, disse que o que vivifica é o espírito e a carne para nada aproveitar.

Os homens de Deus mantinham estreita e constante comunicação com os mortos via mediunidade?

Não. Eles consultavam o Senhor, em obediência ao Senhor: "Quando, pois, vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram: Porventura não consultará o povo a seu Deus? A favor dos vivos consultar-se-á aos mortos?" (Is 8.19). Os profetas não serviam de canais entre mortos e vivos; não consultavam espíritos familiares. Os verdadeiros cristãos seguem o mesmo caminho. Jesus convida os oprimidos para irem a Ele (Mt 11.28).

Eis aqui um grande sofisma! O Senhor respondia por intermédio de quem? Será que era por meio dos **URIM E TUMIM** [Luz e Perfeição], *dois pequenos objetos usados pelos sacerdotes israelitas para consultarem a Deus a fim de se saber qual a sua vontade sobre algum assunto* (Êx 28.30; Nm 27.21; 1Sm 28.6). Kaschel, W., & Zimmer, R. (1999; 2005). *Dicionário da Bíblia de Almeida 2ª Ed.* - Sociedade Bíblica do Brasil."?

Se assim for, pergunto: Qual a diferença que há entre essa prática (consulta por meio dos URIM e TUMIM) e a dos búzios, exercida pelos sacerdotes das religiões de origem africana?

Vamos agora analisar o que ele diz em relação à tentativa de informar sobre o porquê dele achar ser proibida a comunicação com os mortos.

O autor da matéria, para justificar seu ponto de vista, toma como base o verso 19 de Isaías 8 que, na versão por ele citada e transcrita, diz: "Quando, pois, vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram: Porventura não consultará o povo a seu Deus? A favor dos vivos consultar-se-á aos mortos?"

Esclareço que toda vez que um evangélico cita um texto bíblico e identifica livro, capítulo e versículo, sempre confiro com o texto de edição católica, e o inverso quando um católico o faz; para não perder o costume fui lá conferir em uma das versões que considero menos presa a um credo específico – a Bíblia de Jerusalém. Eis o texto nela constante: "19 Se vos disserem: "Ide consultar os espíritos e os adivinhos, cochichadores e balbuciantes", não consultará o povo os seus deuses, e os mortos a favor dos vivos? 20 À instrução e ao testemunho! Se eles não falarem de acordo com esta palavra, certamente não nascerá para eles a aurora". Pela leitura dessa passagem, podemos verificar que o texto da fonte usada pelo autor diverge do sentido dado pela redação contida na Bíblia de Jerusalém. Isso porque, enquanto na de Jerusalém o sentido é de que o povo consulta os seus deuses, e os mortos a favor dos vivos, o texto por ele transcrito ("...Porventura não consultará o povo a seu Deus? A favor dos vivos consultar-se-á aos mortos?"), na forma em que está, em decorrência da segunda pergunta, sugere a existência de uma proibição, quando, na verdade, esta falsa impressão de proibição passa a existir apenas em decorrência da modificação na redação do texto, na forma por ele citada. Agora, vamos analisar friamente os versículos 19 e 20.

Tanto na versão da Bíblia de Jerusalém, quanto na transcrita pelo autor, vemos dois pontos que devem ser considerados, desprezando-se o fato de pertencerem a uma versão ou outra.

São eles:

- 1 – o texto "...não consultará o povo...", contido no versículo 19; e
- 2 – o texto integral do versículo 20.

Pela análise conjunta dos dois textos podemos deduzir que a consulta aos seus deuses (ou ao seu Deus) e aos "mortos", apesar de ser proibida, era prática comum no tempo de Isaías (e em todos os tempos do AT), pois a toda hora se fala nisso (e não se proíbe o que não acontece). Já com relação ao versículo 20, o entendimento em relação ao que nele está escrito tem que ser no sentido de que aqueles que fazem a consulta têm que ter cautela quanto a "o que" e "a quem" é consultado

e o que é dito na resposta. Daí o alerta: "À lei e ao testemunho!", ou seja, se o que está sendo perguntado e o que está sendo respondido destinam-se à evolução do consulente e do espírito que responde. Complementando, ainda diz: "Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a aurora!". Isso quer dizer que, se para aqueles que participarem desse tipo de diálogo, o que for perguntado e o que for respondido não servirem para edificação dos participantes, estes não evoluirão e, por conseguinte, não verão a luz da evolução. E essa passagem de Isaías nada mais diz do que aquilo que em 1João 4,1 é recomendado: "Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo". Eis, segundo acho, como deve ser entendida essa passagem de Isaías.

Os "espíritos" ajudaram José a interpretar sonhos?

Não. José deixou claro que a interpretação seria dada por seu Deus: "Isso não está em mim; Deus dará resposta de paz a Faraó" (Gn 41.16). O mesmo raciocínio vale para Daniel. Ele interpretou sonhos e decifrou enigmas, não porque tenha sido ajudado pelo algum "espírito", mas porque Deus lhe deu graça, misericórdia, conhecimento, inteligência em todas as letras, sabedoria e capacidade de interpretar visões e sonhos (Dn 1.9, 17). Convém lembrar que os homens, em vida ou na morte, não possuem poderes para conhecer o futuro, exceto se por revelação divina.

Com relação à ajuda dada a José para interpretação de sonhos devemos esclarecer que, face a ignorância do povo daquela época toda e qualquer espécie de comunicação com o plano espiritual, era tida como sendo com um deus, já que tudo que era considerado como não físico, era atribuído a um deus, em decorrência do politeísmo reinante à época, inclusive no Egito, embora a noção da trindade já fosse aceita pelos egípcios.

Embora o autor tenha citado a passagem em que José fala que Deus é quem dará resposta a Faraó, ele esquece que três capítulos adiante (Gn 44) está demonstrado que José, "nas horas vagas", também tinha o hobby de fazer suas "adivinhaçõezinhas"; leia, senhor "compilador", o que está escrito no seu verso 5, que se refere à taça de José: "Não é o que serve a meu senhor para beber e também para ler os presságios?" (Bíblia de Jerusalém – Edições Paulinas – 1985). Veja que José, além de interpretar sonhos, **também lia presságios**, o que implicava em uma desobediência à Lei. Mas tudo isso, ao que parece, era relevado porque era realizado em nome do deus dos judeus e em benefício do seu povo... Ainda, para que não restem dúvidas sobre a capacidade divinatória de José, veja-se o que está escrito no verso 15 do mesmo capítulo 44 de Gênesis: "José lhes perguntou: 'Que é isso que fizestes? Não sabíeis que um homem como eu sabe adivinhar?'" Portanto, não há como se negar que um judeu proeminente na história do povo de Deus, também fazia suas "**adivinhações**", conforme ele mesmo afirmou em forma de indagação...

Daí os povos supersticiosos, considerados pagãos, aceitarem o deus apresentado pelos judeus como um deus mais poderoso do que todos os seus deuses, pelo simples fato desse deus não ser visto e produzir efeitos visíveis; daí os fatos produzidos pelo deus dos judeus serem aceitos como de origem divina. Será que não foi por isso?...

Já hoje, quando um médium vidente descreve um parente ou um amigo morto, a um evangélico ou a um católico, informando algumas coisas que identifiquem o desencarnado, a reação, na certa, é de que se trata de "coisa do diabo", ainda que não tenham condições de negar que seja o parente ou o amigo; mesmo assim, por puro dogmatismo, irão dizer que não acreditam nas palavras do médium... Mas, no fundo, no fundo, em uma boa parte deles, restará uma indagaçãozinha íntima: como é que ele conseguiu descrever esse meu parente (ou amigo)?...

A ressurreição de Jesus foi corporal?

Sim. Ressurreição significa voltar a viver. Todos os filhos de Deus que estiverem mortos por ocasião da vinda do Senhor ressuscitarão (1 Ts 4.16-17). Jesus disse: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive, e crê em mim,

nunca morrerá. Crês tu nisso?” (Jo 11.25-26). Ressurreição corporal significa voltar a viver com o corpo original. Jesus confirmou tal doutrina. Depois de sua ressurreição, disse aos discípulos: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24.39). Depois, como prova adicional, comeu peixe assado com mel (v.41-43).

Para que a ressurreição de Jesus tenha sido corporal a condição básica para que ela tivesse acontecido é que Ele não tivesse morrido, a exemplo do que aconteceu com Lázaro; e essa afirmação (ressurreição corporal) se baseia no fato de que Seu corpo não foi encontrado; ora se não foi encontrado, de duas, uma: ou Ele não morreu; ou o seu corpo foi roubado do sepulcro.

Como justificativa para que Ele não tenha morrido, menciono o passo citado pelo próprio autor, que diz: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho” (Lc 24.39) Ora, se Ele mesmo diz que está em carne e osso, pois espírito não tem carne nem ossos, é porque Ele não morreu; caso contrário, não teria carne nem ossos... Nesse caso, após ressuscitar, a Sua “ascensão aos céus” em carne e ossos, foi igual à de Elias, tendo sido arrebatado e levado para algum local isolado aqui na terra, até cumprir os seus dias de vida em sossego; e esse arrebatamento só poderia ser pelo espaço (inclusive por ser mais rápido e visível), pois, se fosse por dentro d’água ou por baixo da terra, teriam dito que Ele morreu de novo.

Entretanto, caso se queira entender que Ele morreu, a justificativa será a de que, sendo Ele conhecedor dos segredos da vida (fenômenos mediúnicos), materializou-se para completar a sua obra, interrompida pela morte provocada pelos ciumentos “doutores da lei”. Veja-se que a Sua maior obra, após ressuscitar, foi **abrir o entendimento dos seus discípulos para compreenderem as escrituras** (Lc 24,45), complementada pelo Seu recado final: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. (Mc 16,15)

Como se vê, as duas hipóteses são viáveis, dependendo da ótica pela qual se queira ver...

As aparições de Jesus ressuscitado não foram manifestações espirituais. Ressurreto, Ele não mais estava sujeito às limitações da carne. Em corpo glorioso, podia entrar numa casa e dela sair sem necessidade de abrir portas. Sabemos que o mistério da encarnação do Verbo excede nosso entendimento. “Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido” (1 Co 13.12).

Extraído do site www.palavradaverdade.com em 06/08/2013

Já neste último tópico, visando demonstrar que as aparições de Jesus, após sua ressuscitação, não foram manifestações espirituais, o autor alega que Jesus não mais estava sujeito às limitações da carne, no que se há de concordar; e isso, com base no que está escrito em Atos 16,6-7, passagem essa que informa que o Espírito Santo proibira Paulo e Timóteo de pregarem na Ásia e o **Espírito de Jesus** os impediu de entrar na Bitínia. O mesmo está narrado em Fp 1,19, em que Paulo fala em sua salvação através das orações dos filipenses e do **Espírito de Jesus Cristo**. Veja-se que é dito “**o Espírito de Jesus**”, o que prova que Jesus estava em Espírito e não em carne e ossos... E quem diz que foi o **Espírito de Jesus** foi Paulo, o que viu Jesus em espírito. Logo, não se pode negar isso, principalmente dois mil anos após a ocorrência dos fatos narrados.

Além disso, como o autor, aqui, diz que Jesus não mais estava sujeito às limitações da carne, ele entra em contradição com o que ele mesmo disse no tópico anterior, ao transcrever uma passagem em que Jesus diz estar em carne e ossos. Nesse caso, podemos supor que Jesus subiu aos céus em carne e ossos e, ao voltar para impedir Paulo e Timóteo de pregarem na Ásia e de entrarem na Bitínia, deixou o seu corpo lá e veio somente em espírito...

Aí, pergunto: será que, para defender um ponto de vista pessoal, ou da liderança de um seguimento religioso ao qual esteja o autor filiado, vale até desmentir o que está escrito na Bíblia? Será?!...

Não bastasse isso, vem ele com o tal de "mistério" em relação à "encarnação do Verbo", tentando justificar a desencarnação de Jesus, esquecendo-se de que até existe um ditado popular no sentido de justificar a certeza imprevista: "para morrer, basta estar vivo".

Finalmente, é de se esclarecer que Jesus, pelo menos no meu ponto de vista, jamais iria cair em contradição, em subir aos céus em carne e ossos, tendo em vista o que Ele disse em Jo 6,62-63, *"Que seria, pois, se vísseis subir o Filho do Homem para onde primeiro estava? O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida."* Ora, se Ele disse isso, não iria subir em carne e ossos; assim, o que se deve atribuir a essa "subida" aos céus, é a simples perda de densidade do Seu corpo espiritual, dando a impressão de que estava "subindo" à proporção em que o Seu corpo se desmaterializava, gerando a impressão de que Ele estava subindo fisicamente.

Esse é um dos entendimentos que também deve ser levado em conta na análise do assunto abordado pelo autor e aceito pelo "compilador" do texto ora contestado.

JOÃO FRAZÃO DE MEDEIROS LIMA